Incontinência Urinária na Saúde da Mulher

Autor(res)

Rodrigo Guedes Boer
Gabriela Da Silva Savarego
André Felipe Fabro
Bruno Pereira Dos Santos
Leandra Dutra Moreno

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA DE SÃO PAULO

Introdução

A Incontinência Urinária (IU) é uma patologia caracterizada pela perda de qualquer volume de urina de forma involuntária, causando problemas sociais e/ou higiênicos conforme define a International Continence Society (ICS). A IU atinge mais mulheres do que homens, segundo dados da Sociedade Brasileira de Urologia (BOTELHO, 2020). Idade avançada, gravidez, obesidade, deficiência estrogênica, histerctomia são fatores de risco da patologia. Entretanto, estudos apontam que a disfunção dos Músculos do Assoalho Pélvico (MAP) pode ser a causa da IU, além de hábitos miccionais e comportamentais. É possível categorizar os tipos de incontinência de acordo com os sintomas que produz. São elas: a IU de esforço (IUE), IU de urgência (IUU) e a IU mista (IUM). Saber o subtipo que a paciente apresenta é essencial para um tratamento delimitado e efetivo, além de atender as questões que a incontinência causa (MOSER et.al.,2021).

Objetivo

Este resumo tem como objetivo explicar de forma sintática sobre a prevalência da incontinência urinária em mulheres, e como a patologia afeta as suas vidas.

Material e Métodos

Os materiais e métodos adotados no presente estudo foi realizar uma pesquisa bibliográfica por estudantes da graduação de Fisioterapia da Universidade Anhanguera de Osasco (SP). O estudo foi baseado em artigos científicos disponíveis em bases de dados com o Scientific Eletronic Library Online (SciElo) e Google Acadêmico. Foram aceitos estudos publicados entre 2012 e 2024, publicados em língua portuguesa.

Resultados e Discussão

Um estudo feito por KNORST et.al. publicado em 2013 no RS avaliou a qualidade de vida (QV) de mulheres com IU antes e depois de um tratamento fisioterapêutico. A intervenção durou 15 atendimentos semanais com 55 mulheres entre 51 e 60 anos de idade. Os resultados mostraram diminuição significante nas limitações físicas, sociais e relações pessoais, que impactam a QV, e foram afetadas após as pacientes receberem o diagnóstico

clínico. Assim, comprova que o tratamento fisioterápico, considerado método conservador, é efetivo tanto para a prevenção, quanto para a cura (Luisi, et al., 2017).

Conclusão

O problema da IU tem sido subestimado. Embora muitas mulheres a considerem uma condição normal e apenas resultado do envelhecimento, a IU tem causado depressão e isolamento social. Assim, o hábito de prestar atenção no MAP deve ser adotado, para evitar que a patologia atinja uma fase avançada. Considerando as terapias e recursos disponíveis, e os resultados clínicos efetivos, é importante a criação de políticas educativas para informar a população, e orientá-la a buscar profissionais de saúde.

Referências

DE ANDRADE, Nádia Vargas Reis; INOCÊNCIO, Nelma Monteiro. Fisioterapia no tratamento da incontinência urinaria na saúde da mulher. Research, Society and Development, v. 12, n. 13, p. e93121344227-e93121344227, 2023. Acesso em: 09 de mai. 2024

KNORST, Mara Regina et al. Avaliação da qualidade de vida antes e depois de tratamento fisioterapêutico para incontinência urinária. Fisioterapia e Pesquisa, v. 20, p. 204-209, 2013. Acesso em: 09 de mai. 2024

MARINHO, Maria de Fátima Duarte et al. Avaliação da função dos músculos do assoalho pélvico e incontinência urinária em universitárias: um estudo transversal. Fisioterapia e Pesquisa, v. 28, p. 352-357, 2021. Acesso em: 09 de mai. 2024

MOSER, Auristela Duarte de Lima et al. Prevalência dos subtipos de incontinência urinária em mulheres. Fisioterapia em Movimento, v. 35, p. e356012, 2022. Acesso em; 09 de mai. 2024